



**Ano 3 | # 7 | edição quadrimestral | janeiro a abril de 2010**

Revista editada pela **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom**

## **Luiz Beltrão – pioneiro na pesquisa, renovador no ensino**

**Vitor Pasquini Scarpelli**

Nascido no ano de 1918 em Olinda, Luiz Beltrão de Andrade Lima foi um grande colaborador do avanço do campo das ciências da comunicação no Brasil e na América-Latina.

Trabalhou no Diário de Pernambuco, onde foi revisor e repórter. Durante esse período Beltrão também foi funcionário publica, pois o jornalismo na época não garantia o sustento de uma família. Em 1940 se transferiu para a Folha da Manhã, aonde chegou a ser redator-secretário. Beltrão se tornou um estudioso de jornalismo na época em que trabalhou no Diário de Pernambuco e em 1967 Luiz Beltrão se tornou o primeiro doutor em comunicação no Brasil. Sua tese Folkcomunicação analisa a comunicação popular partindo do pressuposto que muitas comunidades não são influenciadas, ou nem mesmo tinha acesso aos meios de comunicação de massa. Essas comunidades desenvolvem formas alternativas de comunicação, o cantador popular, o cordelista, o artesão e o motorista de caminhão são exemplos de praticantes da folkcomunicação quando transmitem, cada um a sua maneira, informações para as classes marginalizadas.

Beltrão era um entusiasta, liderou a campanha que deu origem ao primeiro curso de jornalismo no Nordeste, que atreves de suas iniciativas oferecia cursos de verão e bolsas de estudo além do curso regular de 3 anos. Criou em 1963 o Instituto de Ciências da Informação (Icinform), instituto onde foi criada a primeira revista acadêmica brasileira no campo da comunicação: Comunicação e Problemas. Em 1964 assume a Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília e permanece apenas um ano e meio no cargo, pois a universidades estava em crise devido a diversos fatores derivados do golpe de 64. Após esse período foi professo-fundador do curso de Comunicação do

centro Universitário de Brasília. Em 1969 iniciou um trabalho na Funai (Fundação Nacional do Índio), onde analisou o espaço do índio na imprensa brasileira, Trabalho que deu origem ao livro *O Índio um mito brasileiro*.

A produção acadêmica de Beltrão é ampla, com 20 livros publicados, cursos ministrados em várias áreas, elaboração de apostila e outras atividades, como a copresidência da Federação Católica Latino-Americana da escola de Jornalismo, Beltrão escreve logo no início do livro:

Entre todas as atividades humanas, nenhuma responde tanto a uma necessidade de espírito e da vida social quanto o jornalismo. É próprio da nossa natureza informar-se e informar, reunir a maior soma de conhecimentos possível do que ocorre no nosso grupo familiar, nas vizinhanças, na comunidade, em eu vivemos, entre os povos que nos rodeiam e, mesmo, nos mais longínquos rincões do mundo. Através desse conhecimento dos fatos, homem como que alimenta o seu espírito e, fortalecendo no exame das causas e conseqüências dos acontecimentos, sente-se apto à ação.<sup>1</sup>

Beltrão inicia com a história do jornalismo na pré-história do homem e descreve a evolução da atividade jornalística através dos séculos, segue explicando os diferentes tipos de veículos de jornalismo, o escrito em papel, o jornalismo oral e o rádio, o desenho e o jornalismo pela imagem, o cinema e a televisão. Beltrão procura conceituar o leitor no mundo do jornalismo e em seguida decorre sobre suas principais características. Inicia falando sobre a característica que considera dominante do jornalismo: a atualidade. O jornalismo vive sobre o momento, o anterior pertence à história. Mas não basta contar os fatos, a atualidade tem origem no passado e esse paradoxo faz o “velho” revestir-se de atualidade. A característica jornalística de ligar o presente com o passado e às vezes com o futuro, concede ao jornalismo um caráter de permanência, pois embora o jornal do dia seja jogado fora é por causa dele que compreendemos o jornal do dia seguinte. Para Beltrão

(...) o jornalismo, quanto à atitude é imediato, quando se ocupa de fatos correntes, capaz de impressionar, atingir instantaneamente a consciência coletiva, e é imediato, quando concilia ou relaciona o presente com os acontecimentos passados ou futuros, atualizando-os ou prevendo-os.<sup>2</sup>

Sobre a segunda característica do jornalismo, a variedade, Beltrão escreve que o jornalismo procura satisfazer três necessidades do espírito humano integrado na vida

1 BELTRÃO, 1960, p.23

2 Ibidem, p.72

social: informar-se do novo; receber uma orientação; e entreter-se; por este motivo o jornalismo se estende a todos os setores da atividade humana. Devido a essa variedade de temas surge o jornalismo especializado, e mais adiante na história as publicações especializadas.

Os fatos em que se baseia a obra jornalística, aqueles que, por suas características ou pelo seu conteúdo, despertam o interesse humano ou a tenção das massas, não são de exclusividade de um determinado setor, de uma única pessoa, de um agrupamento, de uma classe ou de um país; para transformar estes fatos em notícias, em mensagens ou em entretenimento, há que o jornalista colhe-los onde quer que se registrem, porque o jornalismo deve ser a mais completa síntese de tudo quanto interessa e reclama o organismo social.<sup>3</sup>

A interpretação, terceira característica do jornalismo varia de intensidade para cada veículo.

A mera informação, sem o juízo de que valorize e a interprete, faria do jornalismo uma algaravia sem ordem nem conserto e deixaria ao leitor a pesada carga de buscar os 'porquês' e 'para quês' do que acontece. Quantos leitores estão capacitados a este trabalho valorizado?<sup>4</sup>

Selecionar ocorrências, comentar e lançar matérias jornalísticas, são funções básicas do trabalho jornalístico e a interpretação do tema é a parte principal do jornalismo. Para Beltrão a interpretação jornalística se diferencia por tirar o essencial do accidental, o permanente do corrente.

(...) se o jornalismo abrange o que ocorreu e poderá ocorrer, o que se pensou e o que se poderá pensar, nem sempre constitui um relato puro e simples, mas se reveste, igualmente, do aspecto de uma exposição interpretada.<sup>5</sup>

A periodicidade, para Beltrão a característica mais formal do jornalismo, é uma constante necessária para atingir suas finalidades sociais. Durante a história a periodicidade se tornou um atributo cada vez mais rigoroso, mas sua importância aumentou muito nos últimos dois séculos. A concorrência criada pelos e entre os próprios veículos jornalísticos criou a necessidade de apresentar as notícias na hora exata.

Beltrão traça um panorama histórico sobre a popularização do jornalismo, que antes era dirigido a uma elite e no passar do tempo começa a atingir as massas. Aponta como principais elementos para a sociedade se identificar com a imprensa, a instrução

3 Ibidem, p.72

4 Ibidem, p.77

5 Ibidem, p.77

pública gratuita, o sufrágio universal e a liberdade de opinião. Defende a liberdade de imprensa como condição básica para que um veículo do jornalismo possa efetivamente ser popular.

Devido a dinâmica de vida, o público moderno não tem muito tempo para ler o jornal, assistir televisão ou ouvir o rádio. Por esse motivo escreve sobre a técnica de síntese, resume o conteúdo e substitui os detalhes por imagens, é mais eficaz para os veículos jornalísticos repercutirem em todas as camadas sociais.

Após a análise das diversas características é claro para Beltrão (1960, p.100) que “Os relatos e as ideias expressas pelos veículos jornalísticos têm o propósito de permitir ao homem um pronunciamento, uma decisão de impulsioná-los à ação.” Beltrão afirma que nenhuma pessoa pode passar a vida sem a imprensa. A imprensa não é somente ativa, o jornalismo não é somente o que se lê ou assiste, é também o que se comenta. Sua existência está ligada à vida social e o jornalismo é passivo quando faz com que as ideias circulem e se agrupem em correntes de opinião. A leitura das notícias cria um laço com o leitor quando estas são atuais e o leitor se sente solidário com o grupo ao qual pertence. Sobre atingir a finalidade do jornalismo, comenta que nem sempre esta acontece, porém seria um contrassenso esperar que o jornalismo fosse isento de erro. O jornalismo é feito imediatamente após a ocorrência dos fatos, por esse motivo, não é possível fazer uma longa reflexão sobre a repercussão que a notícia terá quando for publicada.

O jornal é heterogêneo e se interessa mais em preparar um clima propício a ação do que em convencer. Ao invés de sua classificação convencional *de opinião* e *de informação*, Beltrão propõe uma nomenclatura que considera mais adequada ao jornalismo moderno: *eclético* e *ideológico*. Isso porque toda frase possui um juízo, então os órgãos jornalísticos devem ser considerados órgãos de opinião. A partir desse ponto de vista os mais diferentes tipos de veículos de informação podem ser vistos como órgãos que promovem a opinião pública.

Beltrão (1960, p.117) escreve que o jornalismo é feito do público e para o público. O público pode ser leitor, ouvinte ou espectador, e “(...) deseja ser informado, distrair-se, emocionar-se, receber orientação e oferecer o seu contributo a realização periódica.” Esse último elemento remete a outra classe de agentes do jornalismo, são os colaboradores não remunerados, as pessoas que fazem reclamações, escrevem cartas, enviam seus pedidos e denúncias. Também oferecem sua contribuição, os poetas, artistas, cientistas, entre outros, que participam do jornalismo, a princípio sem interesse

financeiro. Em média um sexto do trabalho jornalístico oferecido ao público é oriundo dos colaboradores não remunerados.

O editor é para Beltrão o principal agente do jornalismo, pois sem ele a existência e multiplicação dos veículos periodísticos não seria possível. Explica que atualmente os meios financeiros exigidos para a realização do jornalismo exigem do editor uma atenção quase exclusiva para a gerência industrial e comercial da empresa. Para explicar os diferentes tipos de editor, Beltrão separa-os em categorias. A primeira delas trata do editor financista, personagem que considera jornalismo um negócio acima de tudo. Quer utilizar o jornalismo para ganhar dinheiro, sem ideologia alguma, o que importa é alcançar o maior lucro possível. O público encontrará a informação e o conteúdo pago por terceiros, faixas sonoras especiais no rádio e legendas na televisão. Algumas vezes esses anúncios surgem de forma mais sutil, como programa de interesse coletivo ou matéria redacional.

O editor idealista representa uma corrente filosófica ou política ou de uma atividade de produção, e, diferentemente do editor financista seu principal objetivo é aumentar o número de seus adeptos. O editor idealista mantém seus negócios e seus lucros dentro dos limites de sua ideologia. Um veículo de divulgação religioso, por exemplo, não irá aceitar publicar propaganda de outro credo filosófico ou imagens de nudez.

O Estado editor utiliza os veículos de publicidade para satisfazer algumas necessidades coletivas como publicar informes governamentais. A administração está prestando um serviço público como qualquer outro. Em alguns casos põe a serviço da comunidade instituições que um indivíduo não conseguiria manter, como uma emissora de rádio ou televisão. Em casos de veículos como esses, em que as ondas emitidas não podem ser apropriadas por organizações privadas, o Estado em nome da sociedade monopoliza seu uso ou o concede a terceiros. Beltrão também cita o Estado como editor idealista. Esse tipo de controle ocorre em alguns países em que o Estado monopoliza todas as funções jornalísticas, mesmo quando são exercidas por órgãos não estatais.

Beltrão (1960, p.140) cita também como agente do jornalismo, o técnico, “(...) intermediário entre a realização subjetiva de uma atividade e a sua realização objetiva, material.” Veículos como a televisão, o jornal e o rádio se tornam mais complexos tecnicamente com o avanço da tecnologia e demandam pessoas que dominem as máquinas utilizadas por esses veículos. Durante séculos o jornalismo foi manufaturado. No século XVIII surge a necessidade de comunicações mais rápidas, e, quando o jornalismo começa a aprender a utilizar o invento de Gutenberg, a figura do técnico

começa a se destacar e passa-se da manufatura para a mecanofatura. Com o passar do tempo, as técnicas do jornalismo foram evoluindo até os dias de hoje – A fase da automação, apresentada por Beltrão como uma nova revolução industrial, em que o ser humano está sendo substituído por servos-mecanismos. Alerta que a admiração do homem pelos resultados obtidos pela máquina pode escravizá-lo a ela, direcionar seu gênio inventivo para o aperfeiçoamento do trabalho da máquina, e, “(...) criar condições favoráveis a uma interpretação estereotipada dos fatos sociais, passível de fazer surgir o servo-mecânico jornalista. Por outro lado Beltrão é otimista quando expõe sua ideia de que os agentes do jornalismo vão ser os responsáveis pela reação a essa visão sombria do futuro, e o jornalismo seguirá com seu papel de informar, orientar e impulsionar o bem comum. O jornalista é para Beltrão uma máquina humana pensante. Se o público, o editor e o técnico se curvam diante os diferentes aspectos da máquina, o jornalista vê na evolução da técnica uma ferramenta que proporcionará conforto e facilidades.

Beltrão é categórico quando diz que o jornalista, através de sua atividade, impulsiona o homem e a sociedade à ação. Pois se o jornalismo fosse apenas informativo, não traduziria a essência da vida social. O jornalista é interprete dos fatos, deve possuir curiosidade comunicativa, que desperta o desejo de passar informações adiante. O jornalista deve ter a capacidade de reconhecer o fato e algumas vezes provocá-lo em determinadas entrevistas. Para poder contextualizar o leitor e auxiliar na compreensão da notícia o jornalista deve adquirir conhecimento, possuir cultura geral e sempre estar informado sobre o que ocorre no mundo. O jornalista não deve porém perder o foco principal, deve ser objetivo, o fato é a informação principal. Outra qualidade que o jornalista deve possuir é a descrição, embora o jornalista tenha a obrigação de divulgar as notícias comprovadas que obtenha, ele deve prever as conseqüências dessa divulgação, evitar pareceres e juízos precipitados. Sugere um código de conduta escrito por R.P. Du Passage.

Respeito à verdade, rendendo homenagem à exatidão; atenção leal e engenhosa para facilitar a obra de esclarecimento; reserva que não atribui jamais ao zelo da verdade os nossos procedimentos indiscretos e as intransigências apaixonadas.<sup>6</sup>

Na questão estética, Beltrão escreve que deve estar entre o preciosismo e o vulgarismo, deve ser claro, apresentar as ideias em uma seqüência lógica, ser energético e harmônico.

6 PASSAGE abud BELTRÃO, 1960. p.166

São vitais na visão de Beltrão as relações entre jornalismo e liberdade, e, jornalismo e responsabilidade. O jornalista deve sentir o grau de liberdade que possui, e, a defesa da liberdade deve ser uma obrigação para o jornalista, pois é essencial para que exerça sua atividade. Beltrão atribui também ao poder público a responsabilidade de assegurar essa liberdade. Para ele única limitação de liberdade justificável é a aplicada para garanti-la. Porém não só ao poder público cabe impor limites a liberdade, esses limites também são morais, filosóficos e religiosos. Por esse motivo liberdade e responsabilidade são coisas inseparáveis. O jornalista necessita de educação especial para a liberdade, necessita conhecer os meios que deve utilizar para atingir os objetivos de sua missão. O povo também precisa receber educação especial para a liberdade, pois assim estará apto a exigir a prática de um jornalismo responsável.

A responsabilidade que o jornalista deve ter pode ser dividida em três aspectos, o primeiro é a responsabilidade para com o indivíduo e a coletividade (jornalismo moral). A reputação das pessoas deve ser respeitada independente de crenças religiosas ou filiação política. Algumas pessoas (e jornais) acreditam que com matérias sensacionalistas se obtém maior sucesso de vendas. Beltrão (1960, p.193) observa que as grandes empresas jornalísticas excluíram totalmente o baixo sensacionalismo, ao invés disso possuem “(...) atitude de sobriedade na informação, de segurança na orientação, de moralidade na expressão do pensamento, de bom gosto e boa medida na apresentação técnica (...)” e “(...) originam o prestígio e a autoridade do verdadeiro jornalismo (...)”.

Jornalismo e nacionalismo, outra responsabilidade do jornalismo, é a característica que exprime o dever de representar a comunidade a que é dirigido. Essa característica evidencia o tamanho da responsabilidade do jornalismo para o povo receptor dessas informações, e é aos jornalistas que o povo confia suas maiores vontades.

A terceira responsabilidade que o jornalismo deve possuir é para com a paz mundial. O jornalismo deve lutar pela construção de um mundo de paz.

Sem nenhum dos males de raiz que prejudicam um sadio internacionalismo por parte de outras grandes potências no mundo; sem instintos imperialistas e ímpetos expansionistas; com uma arraigada convicção de igualdade racial e uma larga tolerância religiosa e política; desejando, tão somente, como reza o lema da sua bandeira, o progresso conquistado dentro da ordem – o Brasil está em situação privilegiada para defender e propagar, por um jornalismo

livre, responsável e consciente, os princípios de uma paz duradoura, sob a égide da justiça e da fraternidade universal.<sup>7</sup>

*Iniciação à filosofia do jornalismo* é o livro que exprime as principais ideias e opiniões jornalísticas de Beltrão. Em 1969 Beltrão publica *A imprensa informativa*, livro que sistematiza suas ideias e ambos foram muito utilizados na década de 1970 para o ensino do jornalismo.

Beltrão sempre defendeu a formação acadêmica para o jornalista, e, em 1953 apresentou a polêmica tese *Liberdade de imprensa e formação profissional* que defendia a exigência de qualquer curso superior para jornalistas.

Luiz Beltrão de Andrade Lima atuou em diversas áreas e colaborou de maneira significativa para o desenvolvimento do jornalismo brasileiro.

## Referências

BELTRÃO, Luis. **A imprensa informativa:** técnica da notícia e da reportagem no jornal diário. São Paulo: Folco Massucci, 1969

BELTRÃO, Luis. **Iniciação à filosofia do jornalismo.** Rio de Janeiro: Agir, 1960

---

7 BELTRÃO, 1960. p.222